**O USO DO CONHECIMENTO PRÉVIO NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL DISSERTAÇÃO-ARGUMENTATIVA**

Gustavo Barbosa Silva1(PQ)\*, Liliam de Oliveira2(PQ) e Cleisa Maria Coelho Braga3(FM).

silva.bgustavo@gmail.com

1 Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Iporá

2 Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Iporá

3 Escola Pública Estadual de Goiás - Centro de Educação de Jovens e Adultos CEJA Dom Bosco de Iporá

O seguinte trabalho apresenta um estudo de caso sobre o conhecimento prévio e seu uso na construção da redação dissertativa-argumentativa utilizada pelo ENEM. Nesta vertente, o objetivo do artigo foi compreender os tipos existentes de conhecimentos prévios, desde que uma divisão entre seus vários elementos foi descoberta presente após as pesquisas iniciais no campo. Neste aspecto, foram buscadas referências no conhecimento prévio linguístico, textual e no de mundo, além de se estudar as cinco competências do exame nacional do ensino médio, sendo elas: A modalidade formal da língua portuguesa; a adequação ao tema proposto; a coerência das informações propostas; a coesão nos elementos textuais e a proposta de intervenção para amenização do problema. De modo a finalmente poder se estabelecer uma relação entre ambos os temas, o que propiciou a elaboração de uma fórmula de análise textual, que foi aplicada em uma dissertação de um dos alunos da escola campo onde o PIBID aconteceu.

Palavras-chave: Conhecimento prévio. Competências do ENEM. Construção de redação dissertativa-argumentativa. Análise textual.

|  |
| --- |
| **Introdução** |

Quando se fala em conhecimento prévio, parece ser de entendimento comum que seu conceito remete a bagagem trazida até o instante momento. Mais propriamente, de acordo com Kleiman (2016) ele é um conjunto de conhecimentos que o indivíduo adquire conforme suas experiências de vida. Neste sentido, a autora o apresenta em três principais divisões, que juntas se relacionam para construir o sentido do texto, por meio da leitura.

Em primeiro lugar, está o “conhecimento linguístico, isto é, aquele conhecimento implícito, não verbalizado, nem verbalizável na grande maioria das vezes, que faz com que falemos português como falantes nativos” (KLEIMAN, 2016, p.15).

Em segundo lugar está o conhecimento textual, de acordo com Fávero (1993) esse está ligado à estrutura textual, como narrativo, por exemplo, e também à relação do autor com o leitor, como argumentação, descrição etc. Além disso, para Kleiman (2016) a compreensão da composição dos gêneros textuais determina a expectativa na compreensão da leitura, e essa é uma das características que fazem com que o ser humano consiga verificar a coerência de determinada situação.

 Em terceiro lugar é citado o conhecimento de mundo ou enciclopédico, segundo Fávero (1993) ele é um conhecimento acadêmico, ou não, que é adquirido conforme as experiências e vivencias do indivíduo no meio que o cerca. Conforme este pensamento, Kleiman (1989) explica que o texto que lemos é o mesmo, mas dependendo do nosso conhecimento prévio sobre o assunto, podemos compreendê-lo de forma totalmente diferente.

 No aspecto da leitura, é importante salientar que o que lemos não é meramente um aglomerado de simbolos que passam uma mensagem, Segundo alguns autores, a leitura abrange muito mais que o imaginário comum.

Se nos perguntarmos o que é, e o que significa a leitura para nós mesmos, certamente cada um chegará a uma resposta diferenciada. Isso porque se trata, antes de mais nada, de uma experiência individual, cujos limites não estão demarcados pelo tempo em que nos detemos nos sinais ou pelo espaço ocupado por eles. Acentue-se que, por sinais, entende-se aqui qualquer tipo de expressão formal ou simbólica, configurada pelas mais diversas linguagens (MARTINS, 1982, p.32).

Portanto, os seres humanos utilizam da leitura de mundo para fazer um reconhecimento cognitivo de suas experiências e é nesse sentido onde a leitura e o conhecimento prévio se encontram, de acordo com Kleiman (2016) a relação criada pelos conhecimentos durante a leitura é que ditam como o texto é construído.

Por isso, ao realizar a construção de um texto dissertativo-argumentativo, os autores fazem uso das leituras de mundo que obtiveram até o instante momento, essas leituras podem se dividir entre os conhecimentos previamente citados, e é a partir desse aspecto que as competências do Enem devem ser analisadas separadamente, para averiguar quando cada tipo de conhecimento é requisitado, de modo a estabelecer a ligação entre o conhecimento prévio e as exigências linguísticas do exame, assim, pode-se dizer que tipo de entendimento o autor apresentou ao escrever seu texto.

|  |
| --- |
| **Material e Métodos** |

 Partindo-se do método de estudo de caso, foram destrinchadas as cinco competências do ENEM, assim como os três tipos de conhecimentos prévios, para que um elo de ligação entre todos fosse traçado e apresentasse um método de análise textual das redações dissertativas-argumentativas.

 A primeira competência do Enem se refere ao domínio da modalidade formal da língua portuguesa, essa por sua vez engloba diversos mecanismos, desde a construção correta das palavras até a exploração total do sistema gramatical. Segundo o manual de avaliador do ENEM 2019, dois aspectos são apurados pelos corretores, sendo eles a estrutura sintática e os desvios. O primeiro deles é dividido da seguinte maneira:

Os textos com falhas relacionadas à estrutura sintática geralmente apresentam períodos truncados e justaposição de palavras, ausência de termos ou excesso de palavras (elementos sintáticos). Pode haver ainda a presença de um ponto final separando duas orações que deveriam constituir um mesmo período (truncamento) ou uma vírgula no lugar de um ponto final que deveria indicar o fim da frase (justaposição), o que interfere na qualidade da estrutura sintática (INEP, 2020, p.13).

Enquanto que o segundo, de acordo com Inep (2020) verifica: as convenções de escrita, que incluem acentuação, ortografia etc; a gramática, onde a regência, pontuação, concordância, paralelismo sintático, crase e pronomes são englobados; a escolha de registro, ou seja, a marca de informalidade ou oralidade escolhida pelo autor; e a escolha vocabular, que analisa se as escolhas lexicais foram, ou não, precisas.

Já a segunda competência é a que aponta para a adequação ao tema, aspecto que requer que pelo menos o participante tanja ao assunto proposto, também para a estrutura do texto, no caso em questão o gênero dissertação-argumentativo, e para o tipo de argumentação utilizada, que estipula uma lógica e uma coerência nos tipos de argumentos escolhidos, esses, por sua vez, são os elementos intertextuais, ou seja, fazem parte do repertório subjetivo do indivíduo.

Logo na sequência há a terceira competência, ela é responsável por selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos e argumentos em defesa de um ponto de vista (INEP, 2020, p. 4). Selecionar diz respeito a reunir e qualificar os conhecimentos prévios do autor em relação ao tema para serem utilizados; Em seguida está o relacionar, este por sua vez é responsável por criar um elo entre a bagagem de conhecimentos, de forma que seu texto tenha uma progressão de ideias até chegar em sua conclusão, e de fazer com que o leitor consiga entende-la. Assim sendo, um argumento que não seja finalizado antes ou seja inconcluso, fica perdido e confuso a quem lê.

 Depois deste está a habilidade de organizar, ela, segundo Inep (2020) tem a função de posicionar os argumentos principais e os secundários de forma que fique clara a ideia que o escritor queira passar. E por último vem a interpretação, nela, o candidato mostra que pode interpretar as informações de seu repertório ao relaciona-las com o tema em questão para defender seu ponto de vista.

 Já a quarta habilidade se trata da coesão textual, o manual de avaliadores do Enem adere a coesão a função de “avaliar a capacidade de o participante demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação”. (Inep, 2020, p. 4). Dentre eles situam se principalmente os conectivos e demais mecanismos que conectam o texto, de forma a estabelecer uma continuidade nas frases.

Por fim, a competência V é a última a ser discutida. Por sua vez, ela é mais clara e de fácil identificação que as anteriores, justamente por exigir objetividade do participante do exame. Sua função é a avaliação da proposta de intervenção do estudante, que deve estar presente na conclusão de cada redação.

Inep (2020, apud BRASIL, 2005, p. 94) Ao discutir especificamente essa Competência, a própria Fundamentação Teórico-Metodológica do Enem aponta que ela trata da realidade e da “capacidade [do participante] de agir sobre e nessa realidade”.

 Inep (2020) detalha que o redator tem de incluir 5 itens específicos dentro de sua proposta de mudança. São eles: A ação, ou seja, a atitude a ser tomada para pelo menos amenizar o problema; o agente, responsável físico por fazer a ação acontecer; o meio, o como o agente fará essa ação; o efeito, para mostrar onde essa ação deseja chegar; e o detalhamento, de maneira a especificar a proposta.

|  |
| --- |
| **Resultados e Discussão** |

Com base nos estudos até então, a pesquisa foi capaz de destrinchar ambos os conhecimentos prévios e as competências do exame, neste aspecto, o próximo passo é verificar em quais conhecimentos cada habilidade do Enem pode fazer parte, para que ao analisar um texto futuramente, se possa indicar como o autor utilizou seu cognitivo para criar cada uma das partes.

 Neste sentido, a primeira a ser analisada é a competência I, nela, como dito anteriormente, é verificada a gramática normativa do estudante, mais propriamente a estrutura sintática e os desvios. Por isso, ao tentar relacioná-la com os três tipos de conhecimento, é visto que ela faz parte do conhecimento linguístico, responsável pelos mecanismos da gramática; No entanto, o conhecimento dos gêneros textuais e o de mundo ainda não são requisitados aqui.

 A segunda a ser analisada é a competência II, seu primeiro aspecto é a adequação ao tema, neste sentido, ele faz parte do conhecimento de mundo/enciclopédico, pois é ele quem engloba os aprendizados estudados e do senso comum, que serão utilizados como base do texto. Neste requinte, o segundo aspecto é a estrutura do texto, ou seja, estrutura dissertativa-argumentativa, e para que o usuário consiga desenvolver um texto assim, é necessário que possua conhecimento linguístico e textual.

 Talvez o pensamento inicial seja de que somente o conhecimento textual se adequaria, porém, é necessário lembrar que para que a construção de uma redação, é necessário primeiramente ter domínio da língua em questão, habilidade que é propriedade do conhecimento linguístico.

E por fim, o último aspecto é o que se refere as citações, essas podem conter os três tipos de conhecimento, o linguístico, para conhecimento do significado das citações, o textual, para saber usar corretamente um discurso ou um dado, por exemplo, e o de mundo, responsável pelo próprio conhecimento intertextual sobre o tema e por quem ou o que tem relação com ele.

A seguir, a competência III tem sobre sua tutela selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos e argumentos em defesa de um ponto de vista. O primeiro elemento, selecionar, é o banco de informações sobre o tema, neste caso, ele é classificado como elemento enciclopédico/de mundo. O segundo elemento, relacionar, requer uma progressão textual, o que faz com que o usuário necessite de seu conhecimento textual.

O terceiro elemento, organizar, também participa do conhecimento textual, já que sua função é organizar os argumentos hierarquicamente. E por fim, o quarto e último elemento, interpretar, é um conhecimento linguístico e de mundo, pois o indivíduo necessita saber o significado de seu repertório de informações, o qual faz parte de seu conhecimento enciclopédico/de mundo.

Na sequência, a quarta competência trabalha com todos os tipos de conhecimento, o linguístico é necessário para saber o significante e significado dos elementos microtextuais, o conhecimento textual é necessário para saber em qual momento utilizar cada um deles, e o enciclopédico/de mundo para entender as referências e conseguir utiliza-las quando preciso.

A quinta competência se define em conhecimento textual e enciclopédico/de mundo, pois primeiramente o autor deve entender a estrutura textual e os pontos a serem abordados na conclusão, e segundamente possuir conhecimento para elaborar uma proposta que amenize o problema proposto pelo Enem.

 Então, segundo essa conclusão quanto as competências, uma redação de um aluno da escola campo onde o PIBID aconteceu foi analisada, nela, a análise foi feita em cinco etapas, tentando destrinchar o texto em cada aspecto separadamente, para que uma conclusão sobre o conhecimento prévio ali utilizado fosse feita.

 Essa análise está presente no artigo em forma expandida, e a pretensão é publica-la em uma revista acadêmica futuramente, no entanto, serão citadas aqui partes da análise para que os leitores possam ser contemplados por parte do que foi realizado.

 “Na primeira competência, relacionada ao conhecimento textual, o escritor demonstrou ter um domínio mediano, apesar de apresentar 12 tipos de erros diferentes na composição da gramática de seu texto, ele ainda apresenta ter conhecimento de muitas outras palavras, de suas grafias e de seus significados. Os erros apontados são basicamente em: Repetições, pontuações, concordância verbal e acentuação, o que prova que o estudante não possui conhecimento linguístico suficiente nesta área para produzir um texto limpo, pelo menos não até então.”

|  |
| --- |
| **Considerações Finais** |

No início da pesquisa, a ideia geral era de que o conhecimento prévio era somente o de mundo, algo que talvez todos que acabem lendo esse artigo também possam ter tido, afinal, para Solé (1998), a leitura cria hipóteses segundo o que o indivíduo traz consigo em sua bagagem. No entanto, ao adentrar mais profundamente nesta área, por meio da obra de Kleiman (2016) foi percebido como os tipos de conhecimentos são variados, e como cada um deles pode se dividir em aspectos precisamente complexos.

 Dessa forma, o uso do conhecimento prévio na construção textual do gênero dissertação-argumentativa se mostrou muito abrangente, englobando diversos elementos das áreas cognitivas do indivíduo, desde o entendimento da língua até sua organização textual de maneira coerente para transmitir sua ideia a outra pessoa, ou seja, o que antes fazia parte somente das características de alguém, agora tem relação com o subjetivo do coletivo da sociedade, além da relação entre autor e leitor, e até mesmo com a relação entre emissor e receptor.

 Portanto, essa pesquisa pode servir de base para quem quer que tenha desejo de começar a compreender os tipos de conhecimento prévio dos outros, como eles aparecem na sociedade, é claro, como usa-los a seu favor na construção textual dissertativa-argumentativa, principalmente do ENEM, que é tão presente na vida dos estudantes que almejam ingressar em uma faculdade brasileira.

|  |
| --- |
| **Agradecimentos** |

Agradeço imensamente à minha família em primeiro lugar, por ter me proporcionado toda a estrutura física e mental para que eu pudesse me empenhar em estudar e buscar meu aprofundamento acadêmico, também agradeço à professora Liliam, por ter me orientado durante todo o processo, agradeço à professora Cleisa por me ensinar tanto dentro e fora da sala de aula, agradeço a UEG por me receber tão calorosamente e abrir minhas portas ao mundo acâdemico e finalmente ao PIBID e a CAPES pela oportunidade que me deram de fazer esse trabalho ser realidade.

|  |
| --- |
| **Referências** |

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. Campinas – SP: ed. Atica, 1993.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Inep.gov.*br, c2020. Outros documentos. Disponível em: <http://inep.gov.br/web/guest/enem-outros-documentos>. Acesso em: 14 de set. de 2020.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. Campinas – SP: Pontes Editores, 2016.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.